

Folhinha Aplicada

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Vol. 3, Nº 09, Novembro/2012
Primeira Fase do Ensino Fundamental

www.cepae.ufg.br

Os textos dos alunos são publicados na íntegra, para que seu exercício de escrita e autoria seja respeitado.

Aos leitores

O mês de outubro deixou saudades, como mostram os relatos dos alunos dos 2ºs anos, mas achamos que o de novembro também vai deixar, afinal tivemos a nossa Semana da Diversidade. Ela passou e deve continuar, afinal é preciso estarmos atentos ao que ela nos convoca a refletir. Nosso país é diverso, temos muitas diferenças e por isso mesmo podemos aprender a conhecê-las e a respeitá-las como fizeram os 4ºs e 5ºs anos. Façamos esse exercício, a partir do Folhinha. Boa leitura e até o próximo número.

Agenda de novembro



19 a 21 - Semana da Diversidade
22 e 23 - Encontro Anual de Estagiários
24 - Dia letivo (horário de sexta-feira)

dezembro

01 - Dia letivo (horário de segunda-feira) e término da 3ª escala
03 - Início da 4ª escala
08 - Dia letivo (horário de terça-feira)
22 a 31 - Recesso de Natal



IV Semana da Diversidade Cultural do CEPAE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

IV
Semana da Diversidade
CONHECER PARA RESPEITAR

19 a 21 de novembro no CEPAE-UFG
Oficinas, apresentações culturais, estações
temáticas e mesa-redonda
Público: alun@s do CEPAE, estagiári@s, professores
e comunidade em geral.

PROEC UFG

Arte do cartaz: Deley Santos

Aconteceu nos dias 19 a 21 de novembro no CEPAE a IV Semana da Diversidade Cultural com o tema “Conhecer para Respeitar”. O evento teve como objetivo abordar as diversidades cultural, étnico - racial, religiosa e sexual que compõem a sociedade e foi voltada para alunos, professores, estagiários do CEPAE e a comunidade em geral.

Alunos dos 5ºs anos realizam entrevista com o Prof. Sinval Martins de Sousa Filho

Os 5ºs anos realizaram uma entrevista com o Professor Dr. Sinval Martins de Sousa Filho da Faculdade de Letras da UFG. A entrevista girou em torno da questão indígena no Brasil como etnia, língua e povos.

Entrevista

Diversidade: Multilinguismo e Multiculturalismo



Sinval Martins de Sousa Filho é professor doutor da Faculdade de Letras-UFG. Interessado nos estudos de línguas indígenas, iniciou suas pesquisas na área de multilinguismo e multiculturalismo brasileiro 1997. De lá para cá, vem trabalhando com os povos indígenas dos estados do Acre, Goiás e do Tocantins. Junto aos Xerente, professor Sinval trabalhou com alfabetização de futuros professores Xerente, com os professores que atuavam nas escolas das aldeias e com descrição da língua. Ele foi “incorporado” à organização social Xerente e recebeu o nome Wrewe durante a festa Dasipê. Essa festa acontece todos os anos, no mês de julho e reúne todas as 56 aldeias Xerente durante 30 dias. A quase totalidade dos 3600 indígenas participam com entusiasmo de todas as atividades do Dasipê.

Em 2010 Sinval lançou o livro *Aspectos morfossintáticos da língua Akwe-Xerente (Jê)*, que é o primeiro registro amplo da referida língua. Em 2011, lançou o livro de poesias infantis *Na terra do Slãmaracá*, o qual versa sobre temas dos povos indígenas do Acre.

Ao iniciar a palestra, Sinval fez uma breve retomada histórica sobre a questão indígena, para facilitar o entendimento do que seria falado posteriormente. Durante a retomada, falou sobre a significativa diminuição dessa população, que vem acontecendo desde 1500, período do descobrimento. Segundo ele, havia cerca de 1175 povos e 1185 línguas, sendo que hoje, são aproximadamente 226 povos e 180 línguas indígenas. Algumas curiosidades de etnias como as do Xerente, Carajá, Javaé, Ava-Canoeiro, entre outros, também chamaram a atenção dos alunos durante a palestra, como: A mulher que pertence aos Xerente, antigamente se casava com 9 anos de idade e o marido aproximadamente 14, ou as pessoas que nasciam deficientes eram sacrificadas por não conseguirem acompanhar as atividades praticadas pelos outros integrantes da tribo, já que esta era nômade, os instrumentos de artesanato e de caça também encantaram os alunos. Quanto aos Avá-Canoeiro, uma etnia fixada no estado de Goiás, vive uma situação preocupante, pois atualmente é composta por apenas 3 pessoas. Dessa forma, sua existência pode estar chegando ao fim.

No momento final da palestra, a professora de língua portuguesa, Telma Maria, destinou um momento para perguntas que os alunos das turmas do 5º. ano A e do 5º. ano B aproveitaram. Eis aqui algumas perguntas:

5 ºs anos - Como está a situação indígena no momento, principalmente em Goiás ?

Prof. Sinval - A situação é crítica. Em 1500 no “descobrimento” que nomeio de “achamento” havia cerca de 1185 povos e 1185 línguas. Hoje são aproximadamente 226 povos e 180 línguas indígenas. Em Goiás, tivemos muitas sociedades indígenas, das quais algumas sobreviveram às expedições auríferas. Com essas etnias sobreviventes, a que ainda enfrenta conflitos grandiosos é a dos Avá-Canoeiro.

5 ºs anos - Quantas etnias temos em Goiás?

Prof. Sinval - Hoje, temos três etnias em Goiás: Ava-Canoeiro, composta de 3 pessoas que vivem em terras situadas em Minaçu – GO; Karajá, 186, Aruanã – GO; e Tapuío, 210, Rubiataba. Assim, temos em Goiás aproximadamente 400 indígenas. Situação que os deixa bastante fragilizados e, assim, propensos a terem seus bens culturais (materiais e imateriais) extinguidos. Uma forma de fazer com que todo rico modo de viver desses indígenas sobreviva ao contato é promover os valores relacionados aos conceitos de diversidade e tolerância ou respeito às diversidades étnicas. A promoção desses valores pode ser motivada numa educação transdisciplinar, intercultural e bilíngüe (plurilíngüe).

5 ºs anos – Quantas etnias tem no Tocantins que era Goiás?

Prof. Sinval - Existe no Tocantins uma população aproximada de 10 mil indígenas. Todos com cultura e tradições preservadas. São indígenas de oito etnias: Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, Krahô, Krahô Canela, Apinajê e Pankararú. Eles se distribuem em mais de 82 aldeias, em municípios de todas as regiões do Estado.

5 ºs anos – Como é relação dos índios com a natureza?

Prof. Sinval - Eles têm uma relação muito boa, uma relação de admiração e respeito. Para os índios, tudo na natureza tem vida. Assim, a vida merece ser conhecida e partilhada. Quanto aos Xerente, eles nomeiam as pessoas com os nomes de plantas e animais e constroem uma relação de contigüidade dialógica entre o ser humano e o animal/vegetal que dá nome ao humano. Por exemplo, os Xerentes não comem aves pequenas, porque acreditam que essas aves forma anteriormente crianças Xerente que morreram.

5ºs anos - Como se dá o casamento nesta cultura?

Prof. Sinval - Os Xerente tem uma organização patriarcal em 6 clãs, que é dividida em 2 metades: a Lua (WAHIRÊ) e o Sol (DÓI). As meninas podem se casar com + ou - nove anos e os meninos depois dos 14 anos. A metade Wahirê tem que se casar com a metade do Dói. Com a união dos dois, o homem vai trabalhar para o sogro

nove anos tem a oportunidade de aprender a ser esposa ao longo de um período de três a quatro anos. O casamento só vai ser consumado com menarca da noiva.

5ºs anos – Como eles sabem as diferenças étnicas para se casarem?

Prof. Sinval - Eles pintam seus corpos com marcas para cada uma das metades: Lua e Sol. Os clãs da metade Dói (Sol) tem os motivos das pinturas com traços horizontais e verticais e os clãs da metade Wahirê (Lua) apresentam motivos em círculos de três tamanhos.

Os Apinajé ficam 3 meses de luto, sem festas, riso ou conversas sobre temas que levem os participantes à exaltação ou elevação de voz.

5ºs anos - O que te chamou a atenção quanto a cultura da etnia indígena?

Prof. Sinval - Quanto aos Xerente, o que me chama atenção é a organização do casamento. Uma mulher que se casa aos

As crianças de etnias nômades que nasciam com deficiências eram sacrificada. Essa curiosidade é sempre apontada. Quem trata desse tema precisa ter em mente que as ideias sobre o sacrifício das crianças precisam ser esclarecidas. Somente quando o grupo precisava deixar a aldeia, seja por guerras ou por falta de comida, as crianças que não conseguiriam acompanhar o grupo poderiam ser sacrificadas. Poderiam, pois não sabemos, ao certo, se realmente eram. Esse tema mostra como um conhecimento vindo de grupos não letrados pode atravessar séculos e ainda provocar reflexões para nos fazer mais humanizados.



Você sabia que na Etnia Apinajé, quando alguém morre eles ficam 3 meses de luto?

Você sabia que no passado existiam 1.185 línguas indígenas, mas hoje tem mais ou menos 180

línguas?

Você sabia que a Etnia Xerente faz uma cerimônia para dar o nome de batismo indígena?

Você sabia que no passado havia 6 milhões de indígenas no Brasil?

Você sabia que em Goiás só existem três etnias indígenas? Delas

são: Karajá, Tapuã e Avá-Canoeiro?

Você sabia que na etnia indígena Xerente, as meninas se casam com 12 anos? E o mais interessante é que seus maridos têm mais ou menos 14 ano, contudo, se o pai da menina não quiser que ela case ela, não casa.



Essa Carta vai para...

Goiânia, 22 de novembro de 2012.

Excelentíssima Presidenta Dilma Rousseff.

Gostaria de cumprimentá-la e te agradecer por tudo que a senhora está fazendo pelo nosso país.

Meu nome é Gizelly moro na cidade de Goiânia e estudo na escola CEPAE.

Eu estudei na aula de Geografia sobre alguns municípios que já tem titulação e outras não e estou-lhe escrevendo esta carta para-lhe pedir titulação na comunidade de Amendoim que é localizado no município de Nova

Roma.

Eu gostaria de pedir titulação porque os descendentes de negros não tem suas terras em seu nome e nem podem deixar suas terras para seus filhos seus herdeiros e, por isso gostaria de te pedir titulação.

Aguardo uma resposta.

Atenciosamente,

Gizelly Gonçalves do Nascimento

Goiânia, 22 de novembro de 2012.

Excelentíssima Presidenta Dilma Rousseff.

Gostaria de cumprimentá-la pelo que tem feito no nosso país. Eu sou Adilson e estou escrevendo esta carta para falar da comunidade de Cedro, que é uma comunidade que surgiu de um quilombo dos muitos que existiram no Centro-Oeste do

Brasil, no Estado de Goiás.

Essa comunidade é uma das 27 comunidades que surgiram de quilombos no Estado de Goiás e que existem até hoje, e dessas só em 3 moradores têm as terras legalmente.

Essas terras passaram a ser direito deles por que eles foram retirados de suas terras e obrigados a virem para o Brasil e serem escravos. Então, temos que ter consciência e dar o título das terras a eles que são descendentes de escravos que sofreram muito e ainda sofrem de preconceitos.

Isso também é uma forma de mostrar que o Brasil está caminhando para um caminho em que todos tenham seus direitos e sem tanto preconceitos.

Atenciosamente,

Adilson Alves Borges Filho 4º ano 'A'

Goiânia, 22 de novembro de 2012.

Excelentíssima Presidenta Dilma Rousseff.

Gostaria de cumprimentá-la e agradecê-la pelo seu excelente trabalho. Eu sou do Colégio CEPAE, de Goiânia-GO, estou escrevendo essa carta porque é uma atividade da Semana da Diversidade no CEPAE.

A Semana da Diversidade foi elaborada para comemorar o dia da consciência negra em homenagem aos negros.

Estou escrevendo essa carta especialmente para as cidade quilombolas, não tituladas porque as cidades quilombolas não tituladas prejudicam os quilombos, porque eles merecem a terra que precisam e eles merecem porque eles fazem parte da origem brasileira, incomode-se se eu dizer que essas cidades precisam ser tituladas? Como as cidades: São Domingos, Galheiros, Baco Pari, Olhos D'água, Três Bocas, Extrema, Corte, Amendoim etc.

Diante de todo esse texto,

sobre os quilombos, solicito da senhora a colaboração para que toda essa matéria seja considerada com prioridade também para a Presidência do Brasil, pois as pessoas mais interessadas na solução desse problema são os descendentes dos escravos que de uma forma ou de outra colaboraram para o Brasil crescer.

Agradeço pelo tempo dispensado.

Marília Gabriela 4º ano 'B'

Carta ao meu pai

Pai,

Fiquei muito comovida esta semana porque o pai de um amigo faleceu, “encantou-se” – como diria Guimarães Rosa. Fui ao seu velório, abraçar meu amigo. Entendi, depois disso, que apesar da imensa dor que todos estavam sentindo, e eu também, aquilo era natural e deveria ser assim. É natural que primeiro os pais se vão e depois nós, os filhos. Tenho certeza de que o pai de meu amigo estava preparado para partir, embora saiba que, seja com que idade for, ninguém está preparado para saudade. E aí, comecei a sentir muita saudade de muita coisa que vivi contigo durante esses anos.

Lembrei que meu apelido era Nena, eu aceitava e adorava ele. Além de ser carinhoso me fez descobrir, muito tarde, que meu nome era incomum e difícil de ser compreendido fora do seio familiar, onde ele era dito e repetido. Meu nome, os cinco que tenho e carrego na existência, todos eles escolhidos por você. Nossa pai, como você foi autoritário! Nem me deixou carregar um nomezinho de outra descendência. Vejo que isso também foi uma forma de me amar.

Além de Nena eu também fui, ao longo dos anos, chamada de “Rus”, um abreviado diminutivo de meu nome, Rusvênia. Abreviados e carinhosos também são os apelidos de minhas irmãs, Carol e Mika. Nós que coçamos tantas vezes as suas frieiras dos pés em troca de histórias repetidas em que sempre o príncipe se casa com a princesa e é feliz. Cresci acreditando em príncipes, sempre tive certeza de que o meu chegaria. Que bom pai, conheci meu príncipe e estou feliz.

Demorei para saber que aquela outra história que você contava de que a onça do zoológico tinha sido pintada por você era mentirinha. Quase briguei com a professora de Ciências da 3ª série. Era muita admiração saber que aquele animal tão bravo não significava nada para sua força enorme. Mas não desfaleci ao saber que se tratava de mais uma de suas “histórias”, até porque foi como uma

onça que você me defendeu das agressões que sofri na escola, lembra? Eu lembro e agradeço.

Pai, hoje de tarde fiquei com enorme saudade de comer pão assado por você. Impressionante como você consegue transformar um pão velho e dormido num delicioso sanduíche, com tomatinho, queijo e amor. E dá uma mordida enorme antes de entregar ele pra gente, né? Eu e minhas irmãs comíamos um, dois, três e sempre queríamos mais. Tudo feito manualmente, naquela forma de pão velha. Hoje tenho uma assadeira profissional, mas nada tem o mesmo sabor.

E de repente eu cresci, fui operada de apendicite e você sofreu tanto no hospital esperando! Já sei como é isso, agora também tenho filho que adoeceu, e dá vontade de trocar de lugar com ele. Mas ficar na posição de esperar sua cirurgia do coração não foi nada fácil também. Por essas e outras aventuras, resolvi dizer que tenho tanta coisa pra lembrar, para agradecer e não quero ser injusta de cobrar o que poderia ter sido diferente. Tudo foi e é como tinha que ser e isso me fez o que sou hoje. Muito obrigada por tudo, por ter me ensinado a gostar de música, por ter lido histórias antes de eu dormir, por ter cuidado de mim quando eu estava doente e por continuar se preocupando comigo e agora com meu filho e com minha família. Sabe pai, tenho que dizer: eu amo você!



Sua filha, Rusvênia.

Semana da Criança na Primeira Fase

Foram várias as programações na Semana da Criança na Primeira Fase do CEPAE/UFG. Quer conferir um pouco do que aconteceu?

Os alunos do 3º ano B juntamente com a Professora de Matemática Sirley Aparecida de Souza, comemoraram a Semana da Criança fabricando brinquedos com embalagens

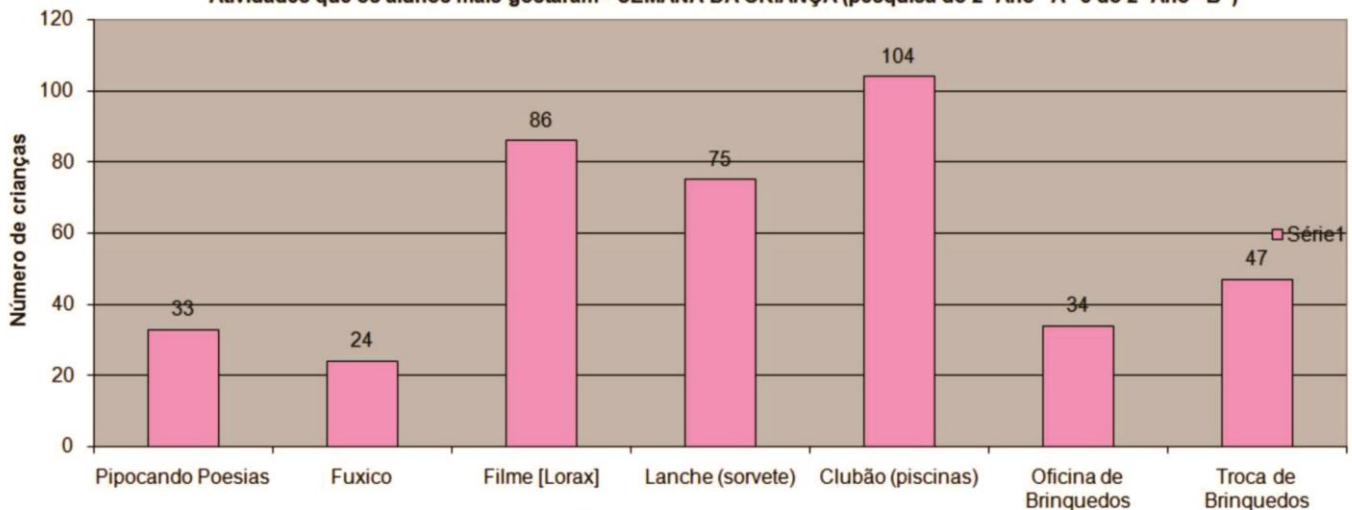
de garrafas PET e embalagens de leite longa-vida. Teve como convidados a Professora Silmara do Laboratório de Instituto de Matemática da UFG e estagiários. Confira as fotos da oficina.



Pesquisa aplicada

O segundo ano A, sob a orientação dos professores Renato Sardinha e Maria Alice, aproveitou a Semana da Criança e resolveu descobrir: Que atividades os alunos mais gostaram de fazer na Semana da Criança? Com essa pergunta elaboraram um gráfico e os relatos apresentados a seguir:

Atividades que os alunos mais gostaram - SEMANA DA CRIANÇA (pesquisa do 2º Ano "A" e do 2º Ano "B")



Atividades oferecidas pelo CEPAE/UFG aos alunos da 1ª Fase - 08 a 11 de outubro de 2012

Na minha escola, no mês de outubro tivemos um festival de sorvetes e o sabor era flocos.

Eu e minhas amigas tomamos sorvete e muita gente tomou várias vezes. Eu tomei duas vezes e ele estava delicioso.

Nós comemoramos o Dia das Crianças, por isso tomamos sorvete. Eu adorei porque além do sorvete, nós

assistimos filme e foi muito bom.

Fernanda Calixto dos Reis – 2º ano A

Nós tivemos uma semana de brincadeiras na Semana da Criança. Tivemos muitas coisas legais, mas o que mais gostei foi o Pipocando Poesia.

Na hora do recreio, teve pipoca. A gente dizia uma poesia e ganhava um saquinho com pipocas. Eu disse uma

poesia, quer dizer uma não, quatro poesias, sendo que era a mesma, ou seja falei 4 vezes e como eu disse a mesma 4 vezes, ganhei quatro saquinhos com pipocas.

Foi muito legal!

Raisa Mesquita Gomes - 2º ano A

Numa semana de outubro, na hora do recreio teve o Pipocando Poesia e quem falasse uma poesia ganhava uma pipoca.

Eu e meus colegas comemos um tantão de pipoca e foi muito legal e divertido.

Eu falei três poesias e ganhei três saquinhos com pipocas. Eu nem comi o

lanche para poder comer as pipocas.
Erick Costa Rezende – 2º ano A

Eu fui ao Cinema no dia 15 de Outubro. O cinema foi muito legal, mas quando chegou na metade do filme acabou a energia.

Nós tivemos que voltar para a

escola e foi muito chato isso ter acontecido. O nome do filme era Lorax.

O professor Renato passou o filme inteiro no outro dia. Eu achei o filme muito bom e até legal.

Igor Ferreira Abreu – 2º ano A

Clubão



Pipocando Poesias



Cinema UFG



7 erros



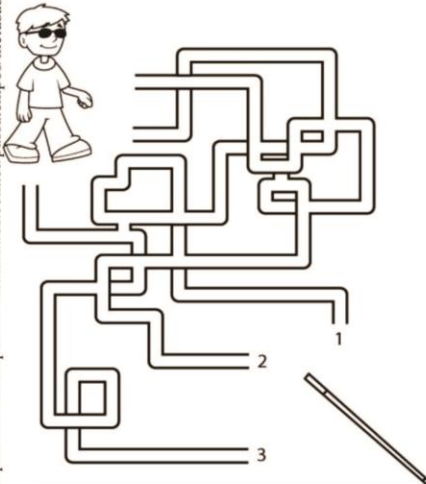
Descubra o Nome

Substitua os sinais por letras e descubra o nome das pessoas

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Disponível em: <http://www.smarkids.com.br/passatempois/inclusao-social-labirinto.html>

Ajude o garoto deficiente visual a chegar até a sua bengala.



Disponível em: <http://www.smarkids.com.br/passatempois/inclusao-social-sete-erros.html>

Disponível em: www.libras.com.br

Quem faz o Folhinha Aplicada:

Coordenação: Maria Alice de Sousa Carvalho. **Colaboração:** Maria Alice de Sousa Carvalho, Telma Maria Santos de Faria, Sirley Aparecida de Souza, Rusvênia Luiza B. Rodrigues da Silva, Renato Sardinha, Sônia Santana da Costa e Leonarley Rodrigo Silva Barbosa. **Diagramação:** Leonarley Rodrigo Silva Barbosa. **Revisão:** Maria Alice de Sousa Carvalho e Leonarley Rodrigo Silva Barbosa.